

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

## História dos Animais: Fontes, Temas e Problemas

*Esta é a primeira de um ciclo de primeiras de especialidades em doces especialidades em doces para casamentos, baptizara casamentos, baptizados e banquetes. E' osados e banquetes. E' a unica depositaria da afaunica depositaria da afaunica Guarana Espumantada Guarana Espumantada e do excelente choro e do excelente choro. Laeta, fabricados em Laeta, fabricados em S. Paulo pelos Srs. ZOS. Paulo pelos Srs. ZOS. Loureiro & Capotta Loureiro & Capotta. A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira.*





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

Reitora: Isabela Fernandes Andrade Vice-Reitora: Ursula Rosa da Silva Chefe de Gabinete: Rafael Eicholz Rutz Pró-Reitora de Ensino: Maria de Fátima Cossio Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: Flávio Fernando Demarco Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Eraldo dos Santos Pinheiro Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Paulo Roberto Ferreira Júnior Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Rosane Maria dos Santos Brandão Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Taís Ullrich Fonseca Superintendente do Campus Capão do Leão: Gilberto D'Ávila Vargas Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: Julio Carlos Balzano de Mattos

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR) Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Jucimara Baldissarelli e

Zayanna Christina Lopes Lindoso Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro Representantes da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof<sup>a</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Profa. Dra. Márcia Janete Espig  
Prof. Dr. Jornas Vargas  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile  
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)  
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)  
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)  
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)  
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)  
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)  
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)  
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)  
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa  
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)  
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)  
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)  
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)  
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)  
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).  
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)  
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isabel Drummond Braga (Universidade de Lisboa) | Prof. Dr. Rafael Afonso Gonçalves (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná)

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Zacharias Wagner (1614-1668) - Tamanduá-açu (ilustração).

*Pareceristas ad hoc:*

Ana Carolina de Carvalho Viotti, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Marília)  
André Ulysses De Salis, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)  
Ângela Domingues (Universidade de Lisboa)  
Gabriel Elycio Maia Braga, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)  
Gabriel Ferreira Gurian, Universidade de São Paulo (USP)  
Gabriel Lopes, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)  
Janaina Salvador Cardoso, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Franca)  
Jeferson dos Santos Mendes, Universidade Federal do Amapá  
Paulo Drummond Braga (Universidade Aberta Centro de Estudos Globais, Portugal)  
Ricardo Pessa de Oliveira (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, Portugal)  
Rodolfo Nogueira Cruz, Centro Universitário Barão de Mauá  
Teresa Sousa Nunes (Universidade Nova de Lisboa)  
Waslan Sabóia Araújo, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Franca)

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2025/1

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História dos Animais : Fontes, Temas e Problemas) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.1, jan. 2025. – Pelotas: UFPel/NDH, 2025 – 185 p. ; 5,30 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Animais 3. Fontes

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>07</b>
PRESENTATION	
<b>HUMANOS E OUTROS ANIMAIS NO PORTUGAL MEDIEVO: ARTICULAÇÃO E SOLUÇÕES DE UM PROJECTO CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR</b>	<b>10</b>
HUMANS AND OTHER ANIMALS IN MEDIEVAL PORTUGAL: ARTICULATION AND SOLUTIONS OF A MULTIDISCIPLINARY SCIENTIFIC PROJECT	
Tiago Viúla de Faria	
<b>OS TATUS COMO OBJETOS DO CONHECIMENTO NATURAL (SÉCULOS XVI-XVIII)</b>	<b>33</b>
ARMADILLOS AS OBJECTS OF NATURAL KNOWLEDGE (16TH-18TH CENTURIES)	
Rebeca Capozzi	
<b>AS TRABALHADORAS DA PROVÍNCIA: A EXPLORAÇÃO DE TARTARUGAS DA AMAZÔNIA (<i>PODOCNEMIS EXPANSA</i>), NA PROVÍNCIA DO AMAZONAS, DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX</b>	<b>53</b>
THE WORKERS OF THE PROVINCE: THE EXPLOITATION OF AMAZON TURTLES ( <i>PODOCNEMIS EXPANSA</i> ), IN THE PROVINCE OF AMAZONAS, DURING THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY	
Robert Alves Pinho	
<b>NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA: A SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS (1875-1890)</b>	<b>73</b>
BIRTH AND AFFIRMATION OF A PORTUGUESE INSTITUTION: THE SOCIETY FOR THE PROTECTION OF ANIMALS (1875-1890)	
Paulo Drumond Braga	

- UMA BREVE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE O SER HUMANO E A ONÇA PINTADA NO BIOMA PANTANAL** 88  
 A BRIEF HISTORY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN HUMANS AND JAGUARS IN THE PANTANAL BIOME  
 Fabiano Quadros Rückert
- OS VEGETARIANOS UTÓPICOS E A DEFESA DOS ANIMAIS EM PORTUGAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX** 110  
 PORTUGUESE UTOPIAN VEGETARIANS IN THE FIRST HALF OF THE 20<sup>TH</sup> CENTURY  
 Isabel Drumond Braga
- SOB AS RÉDEAS DO NAZISMO: OS CAVALOS LIPIZZANERS E O IDEÁRIO DE PUREZA RACIAL** 126  
 UNDER THE REINS OF NAZISM: THE LIPIZZAN HORSES AND THE IDEOLOGY OF RACIAL PURITY  
 Daniely Santos Ramos Costa | Lucas Matheus Araujo Bicalho | Ester Liberato Pereira
- HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA** 140  
 HISTORY OF MATHEMATICS TEACHER TRAINING IN THE SOUTH OF RIO GRANDE DO SUL: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW  
 Mélangy Silva dos Santos | Lavinia Schwantes
- “O QUE OS OLHOS NÃO VÊM O CORAÇÃO NÃO TEME”: O HOSPITAL COLÔNIA GETÚLIO VARGAS E OS DISCURSOS DE COMBATE A LEPROSA NA PARAÍBA (1930-1941)** 156  
 “WHAT THE EYES DO NOT SEE, THE HEART DOES NOT FEAR”: THE HOSPITAL COLÔNIA GETÚLIO VARGAS AND THE SPEECHES TO COMBAT LEPROSY IN PARAÍBA (1930-1941)  
 Alexandro dos Santos | Laís Vasconcelos Santos
- OS POSITIVISTAS RELIGIOSOS BRASILEIROS E OS ANIMAIS (1902)** 177  
 BRAZILIAN RELIGIOUS POSITIVISTS AND ANIMALS (1902)  
 Paulo Pezat

# UMA BREVE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE O SER HUMANO E A ONÇA PINTADA NO BIOMA PANTANAL

## A BRIEF HISTORY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN HUMANS AND JAGUARS IN THE PANTANAL BIOME

Fabiano Quadros Rückert<sup>1</sup>

---

**Resumo:** O texto aborda a historicidade das relações entre humanos e a espécie felina *Panthera onca*, popularmente conhecida como onça pintada, no bioma Pantanal. O foco da abordagem incide nas mudanças ocorridas nestas relações. Na primeira metade do século XX, a caça à onça pintada era uma prática permitida pela legislação brasileira e diversos caçadores viajaram para o Pantanal para vivenciar a experiência de matar o maior felino do Brasil. Posteriormente, a proibição da caça de animais silvestres, determinada pela Lei de Proteção à Fauna (1967), a produção de pesquisas sobre o comportamento da onça pintada no seu habitat natural, e o desenvolvimento do turismo ecológico no Pantanal, permitiram uma conjuntura mais favorável para o convívio entre humanos e a espécie *Panthera onca*. Contudo, este convívio ainda está marcado pela persistência de um imaginário social que considera a onça uma ameaça para os humanos e um problema para a pecuária bovina.

**Palavras chaves:** Pantanal, onça pintada, caça, racionalidade ambiental.

**Abstract:** The text addresses the historicity of relationships between humans and the feline species *Panthera onca*, popularly known as jaguar, in the Pantanal biome. The focus of the approach is on the changes that have occurred in these relationships. In the first half of the 20th century, jaguar hunting was a practice permitted by Brazilian legislation and several hunters traveled to the Pantanal to experience killing the largest feline in Brazil. Subsequently, the prohibition of hunting wild animals, determined by the Fauna Protection Law (1967), the production of research on the behavior of jaguars in their natural habitat, and the development of ecological tourism in the Pantanal, allowed for a more favorable situation for coexistence between humans and the species *Panthera onca*. However, this coexistence is still marked by the persistence of a social imaginary that considers the jaguar a threat to humans and a problem for cattle farming.

**Key words:** Pantanal, jaguar, hunting, environmental rationality.

---

## Introdução

*“¿De dónde sacamos la extraña idea  
de que la naturaleza, a diferencia de cultura,  
es ahistórica y atemporal?  
[...]*

*Necesitaríamos dejar de contarnos  
los viejos cuentos antropocéntricos.”  
(Steve Shaviro)*

---

<sup>1</sup> UFMS – Campus do Pantanal. E-mail: [fabianoqr@yahoo.com.br](mailto:fabianoqr@yahoo.com.br)

A expressão “cuentos antropocêntricos”, usada pelo filósofo Steve Shaviro na sua crítica ao comportamento humano diante dos demais elementos da natureza, é pertinente para introduzir a reflexão que será desenvolvida neste texto. De fato, há milhares de anos, a nossa espécie elabora narrativas sobre o mundo natural e usa diferentes tipos de linguagem – pintura, escultura, fotografia, escrita, música, etc. – para reforçar a ideia da superioridade humana e para legitimar sua pretensão de controle sobre outras formas de vida.

Dentre os diferentes tipos de “cuentos antropocêntricos” que a espécie humana produziu (e ainda produz), neste texto, analisaremos três livros que registram experiências de caça à onça pintada no bioma Pantanal. O primeiro, intitulado *Viagens e caçadas em Mato Grosso*, foi escrito pelo Comandante militar H. Pereira da Cunha, um apreciador da prática da caça. Publicada originalmente em 1919, a obra relata a viagem de navio feita pelo autor, do Rio de Janeiro para Corumbá, no mês de setembro de 1913, e descreve experiências de caça vivenciadas por Cunha, no período entre 1913 e 1919. Uma parte do texto concede especial atenção para a participação do estadista norte americano, Theodore Roosevelt, no grupo de caçadores que acompanhou Cunha em sua primeira caçada no Pantanal. O segundo livro foi escrito pelo próprio Theodore Roosevelt durante a expedição científica que realizou no interior do Brasil. Da obra de Roosevelt, intitulada *Nas selvas do Brasil*, a parte que nos interessa é o capítulo em que o ex-presidente norte americano relata como abateu uma onça, na região do rio Taquari, na parte alta da bacia hidrográfica do Rio Paraguai. O terceiro livro foi escrito por Sasha Siemel, que provavelmente é o mais famoso caçador de onças pintadas do Pantanal. Publicado originalmente em inglês, em 1953, o livro se intitula *Tigrero* – o mesmo apelido pelo qual o imigrante lituano Sasha Siemel ficou conhecido entre os caçadores da sua época.

Os três livros selecionados são distintos no estilo textual e na intencionalidade dos autores; no entanto, ambos são documentos históricos relevantes para o estudo das relações estabelecidas entre os grupos humanos e a onça pintada, nas primeiras décadas do século XX. Naquele contexto, o Pantanal atraiu caçadores de diferentes nacionalidades e a onça pintada era considerada um “troféu” de caça de alto valor.

Interpretamos os livros *Viagens e caçadas em Mato Grosso*, *Tigrero* e *Nas selvas do Brasil* como produtos culturais que descreviam os principais elementos da fauna e da flora do Pantanal, enfatizavam a diversidade da natureza na região; e, ao mesmo tempo, exaltavam e estimulavam a caça esportiva – prática que possuía apreciadores em diferentes segmentos da sociedade da época. Neste sentido, eles podem ser considerados exemplares qualificados dos “cuentos antropocêntricos” criticados por Shaviro.

Os fatos vivenciados e narrados pelos três caçadores – o Comandante militar H. Pereira da Cunha, o estadista norte americano Theodore Roosevelt e Sasha Siemel – permitem conhecer um momento específico das relações entre humanos e onças pintadas no bioma Pantanal. Todavia, eles nada dizem sobre estas relações na atualidade e não explicam como um animal que nas primeiras décadas do século XX foi tratado como um “troféu” de caça, tornou-se um animal protegido pelo poder público e um símbolo da natureza pantaneira.

Ciente de que houve uma grande mudança nas relações entre humanos e onças pintadas no bioma Pantanal, e interessado na compreensão deste processo histórico que envolve fatores políticos, econômicos, culturais e científicos, elaboramos um estudo composto de três partes. A primeira, remete ao começo do século XX, o período contemplado pelas nossas fontes documentais, os três livros anteriormente mencionados. A segunda, aborda fatos ocorridos a partir de 1967, ano de implantação da Lei de Proteção à Fauna que instituiu a proibição da caça aos animais silvestres. Nesta parte específica do texto, interessa refletir sobre a continuidade de uma prática que, há mais de cinco décadas, é tipificada como crime. A terceira e última parte do estudo trata das iniciativas voltadas para a preservação da onça pintada promovidas pelo poder público e por setores da sociedade civil, no bioma Pantanal.

### Os caçadores e as narrativas textuais da caça à onça pintada

Antes de adentrar na análise dos exemplares de narrativas textuais da caça à onça pintada que selecionamos para este estudo, convém estabelecer uma relação entre os três livros e as descrições da fauna e da flora produzidas por naturalistas e viajantes europeus que transitaram pelo continente americano no transcurso dos séculos XVIII e XIX. No nosso entendimento, os livros *Viagens e caçadas em Mato Grosso* (CUNHA, 1949),<sup>2</sup> *Nas selvas do Brasil* (ROOSEVELT, 2010)<sup>3</sup> e *Tigrero* (SIEMEL, 1953),<sup>4</sup> são exemplares de uma antiga tradição de representação do mundo natural por meio da escrita – uma representação que é ontologicamente antropocêntrica, na medida em que atribui valores culturais e econômicos para os elementos da fauna e da flora e classifica os animais não humanos em categorias científicas.

O estudo de Mary Louise Pratt, intitulado *Os olhos do Império*, é um exemplo de como os relatos de viajantes e naturalistas produziram representações sobre o mundo natural. Segundo Pratt (1999, p. 59), antes do século XVIII, as descrições da fauna e da flora nos relatos de viagem eram “tipicamente estruturadas como apêndices ou digressões de uma narrativa”. A importância e a extensão destas descrições mudaram gradualmente, a partir da difusão e uso do modelo de classificação da natureza proposto por Lineu, na obra *Systema Naturae*, publicada originalmente em 1735. Depois de Lineu, a ideia de catalogação de todas as espécies da natureza ganhou adeptos entre os cientistas e os viajantes. Usando tinta e papel, e reproduzindo o sistema lineano em diferentes idiomas, ambos contribuíram para o desenvolvimento de uma “consciência planetária entre os europeus” (PRATT, 1999, p. 63).

---

<sup>2</sup>A primeira edição deste livro foi publicada em 1922 pela Editora Francisco Alves (RJ). No estudo que apresentamos para o público, consultamos a edição publicada em 1949, que corresponde a 4ª edição da obra. O livro foi localizado no Acervo do Centro de Documentação Regional (CDR) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<sup>3</sup>A obra de Theodoro Rossevelt foi publicada originalmente em inglês, em 1914. Neste estudo, consultamos a versão publicada em 2010, pela Editora do Senado Federal.

<sup>4</sup>O livro escrito por Sasha Siemel foi consultado na sua versão original, publicada em 1953, em inglês. Desconhecemos a existência de traduções deste livro para o nosso idioma ou para o espanhol.

Na segunda metade do século XVIII, e de forma mais intensa, no decorrer do século XIX, a produção de relatos de viagens, a descrição de paisagens exóticas e a escrita de tratados botânicos foi incentivada por autoridades políticas, instituições científicas, editoras e corporações empresariais interessadas no mapeamento e na exploração dos recursos naturais. Dentro de uma conjuntura histórica, marcada, de um lado, pelo imperialismo, e do outro, pela apologia do saber científico, a escrita foi usada para reforçar a distinção entre a civilização e a natureza selvagem, e, simultaneamente, difundiu-se, por meio de textos, a prática da caça esportiva.

Nas suas origens, a caça esportiva estava restrita aos membros da nobreza europeia. E. P. Thompson, na obra intitulada *Senhores e Caçadores*, demonstrou que as iniciativas da Coroa inglesa para proibir a prática da caça entre os pobres geraram tensões sociais e não foram aceitas passivamente (THOMPSON, 1987). Os conflitos em torno do direito de caça na Inglaterra do século XVIII, investigados com maestria por Thompson, ressaltam as diferenças entre a caça praticada pelos camponeses ingleses (uma atividade voltada para a alimentação) e a caça esportiva (cuja finalidade principal era proporcionar momentos de sociabilidade e prazer para os membros da nobreza).

A priori, as duas modalidades de caça produzem o mesmo efeito – a execução de animais não humanos. Contudo, a intensidade da atividade cinegética voltada para a alimentação – a chamada caça de subsistência – está relacionada a fatores como o crescimento demográfico de um determinado grupo humano, seu grau de mobilidade e ao conhecimento dos ciclos de reprodução das espécies caçadas, enquanto que a caça esportiva foi influenciada por outros fatores, como por exemplo, o uso de modernas técnicas para rastrear, capturar e executar os animais não humanos e a busca de status social dos caçadores (FERNANDES-FERREIRA, 2014).

Nos documentos que examinamos, fica evidente que os autores dos livros eram adeptos da caça esportiva e não necessitavam da carne das onças para sua alimentação. Cunha relata que partiu do Rio de Janeiro, levando armas para caçar no Pantanal. A viagem feita por este caçador foi longa e demandava um alto investimento: o seu navio partiu no dia 06 de setembro, subiu a partir da foz do Rio da Prata, passou pelo Rio Paraná e seguiu o curso do Rio Paraguai até chegar à cidade de Corumbá, seu destino final, no dia 22 do respectivo mês. Roosevelt fez o mesmo trajeto, mas em datas diferentes.<sup>5</sup> O encontro entre Cunha e Roosevelt foi uma casualidade. Ambos estavam em Corumbá e compartilhavam do gosto pela caça esportiva. Siemel, por sua vez, migrou da Lituânia para os Estados Unidos em 1907, e dois anos depois, deslocou-se para Buenos Aires, cidade onde residiu até 1914, neste ano

---

<sup>5</sup>Cabe ressaltar que a viagem de Roosevelt para o Pantanal tinha outras intenções, além da prática da caça. Ele viajou para o Brasil para realizar estudos zoogeográficos sobre o sertão brasileiro e assumiu o compromisso de coletar e enviar espécies de mamíferos e aves para o Museu de História Natural de Nova Iorque. No transcurso da viagem, Roosevelt foi convidado para participar de uma expedição que estava sob o comando do Coronel Rondon e que tinha como finalidade principal, mapear o curso do Rio da Dúvida. A expedição ficou conhecida como “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”.

ele iniciou uma viagem rumo ao centro do Brasil e trabalhou como mecânico em navios e campos de mineração em Mato Grosso. A vida de Siemel mudou quando ele aprendeu a caçar onças pintadas com um índio Guató. Depois deste aprendizado, detalhadamente narrado no livro *Tigrero*, o imigrante lituano tornou-se um caçador profissional de onças pintadas e alcançou fama internacional.

No final de dezembro do ano de 1913, Cunha, Roosevelt e outros personagens formaram um grupo de caça e partiram de barco para o norte do Pantanal, em busca de onças pintadas. É interessante observar que os dois autores produziram relatos sobre esta experiência de caça vivenciada no Pantanal, mas escreveram com estilos e intencionalidades diferentes. Cunha concentrou sua escrita nas atividades necessárias para a prática da caça e concedeu especial atenção para o uso dos cães no rastreio da onça; Roosevelt, por sua vez, escreveu sobre diversos assuntos (a paisagem do Pantanal, elementos da fauna e da flora, hábitos sociais dos pantaneiros, entre outros) e o fez na intenção de produzir um texto científico. Outra importante diferença entre os dois textos consiste no fato de *Viagens e caçadas em Mato Grosso* estar centrado na experiência da caça dentro do bioma Pantanal, enquanto que o livro *Nas selvas do Brasil* possui uma abordagem espacial mais ampla e contempla, além do bioma Pantanal, descrições de elementos da natureza presentes em diversos territórios da América (Patagônia, Chaco, Amazônia e Pradarias).

Seria possível apontar outras diferenças, como por exemplo, as considerações de Roosevelt sobre as sociedades latino-americanas ou sobre as potencialidades econômicas que ele vislumbrou no Brasil. No entanto, como o foco do estudo incide nos relatos de caça da onça pintada no bioma do Pantanal, convém evitar digressões.

No livro de Cunha, constam os relatos de uma onça pintada que Roosevelt abateu e o relato de outra, abatida por Kermit, filho do estadista norte-americano. No primeiro relato, o trabalho dos cães no rastreio do felino é detalhadamente descrito. No segundo, depois da emboscada feita pelos cães e do tiro preciso disparado por Kermit, o autor descreveu a opinião dos norte-americanos [“hóspedes” dos brasileiros] sobre o animal abatido.

Essa onça foi por nossos hóspedes comparada a uma leoa, e constituirá um belo troféu, apesar de, como sucedeu com a outra, não ter dado a impressão de que era para desejar (CUNHA, 1949, p. 33).

Trata-se de uma passagem do livro que suscita reflexão. O exercício comparativo feito entre a onça abatida e uma leoa, assim como a ideia do animal transformado em “troféu” não surpreendem e se enquadram na lógica da caça esportiva, em vigor naquela época. O que surpreende é a parte final da citação na qual o autor descreve a frustração dos caçadores norte-americanos com o tamanho do felino abatido. Estes caçadores, que também eram homens cultos e apreciadores da Ciência, desejavam abater exemplares de grande porte, pois estes sim, seriam troféus de caça, dignos da admiração dos seus pares.

Parte das experiências narradas por Cunha, no livro *Viagens e caçadas em Mato Grosso*, foram vivenciadas dentro das embarcações que ele usou para chegar até Corumbá e

para se locomover desta cidade para o norte do Pantanal. Em duas ocasiões, ele avistou e descreveu peles de onças estendidas nas margens do rio Paraguai. A primeira foi em Porto Murtinho, no transcurso da viagem do Rio de Janeiro para o Pantanal (CUNHA, 1949, p. 16). A segunda, na parte alta do curso do rio, na fazenda que era propriedade da *Brazil Land and Cattle Packing Company*.<sup>6</sup> Nesta localidade, o autor afirma ter visto

pilhas de couros de onça, na maioria morta pelos índios Guatós, mas outras pilhas de couro seguiam-se às já citadas de onça, e eram essas fornecidas pelos cervos, cuja matança bárbara e destruidora vai mais de mil animais por anos. (CUNHA, 1949, p. 64)

A relação entre os índios Guató e a caça da onça pintada, presente na citação acima, precisa ser contextualizada, para que não se cometa o erro de atribuir a este grupo étnico a responsabilidade por todas as violências cometidas contra a onça pintada. Como demonstram as pesquisas de arqueologia, a presença dos Guató em diferentes áreas do Pantanal antecede a chegada dos europeus (OLIVEIRA, 1995; PEIXOTO, 2009; OLIVEIRA; MILHEIRA, 2020). Durante séculos, este grupo étnico, caracterizado por uma alta mobilidade, pela singularidade do seu idioma e pela construção de aterros, interagiu com o ambiente pantaneiro e desenvolveu habilidades na pesca e na caça de diversos animais, dentre os quais se inclui a onça pintada. Segundo Oliveira (1995, p. 140), para os Guató, o ato de matar uma onça era indicativo de prestígio e coragem, e para os homens, também era parte do ritual de passagem para a vida adulta. Inserida nos antigos códigos culturais Guató, a caça da onça pintada tinha um significado especial e não se caracterizava como uma prática habitual ou necessária para a alimentação. Entretanto, durante o contato com os povos não indígenas, e sobretudo depois do envolvimento dos Guató na Guerra do Paraguai, a cultura deste grupo étnico se desestruturou e houve um acentuado declínio demográfico.<sup>7</sup> Foi neste trágico contexto de perda dos territórios originais que parte do grupo étnico Guató buscou trabalho nas fazendas que se expandiam pelo Pantanal e alguns membros do grupo aderiram à caça por remuneração. Não existem informações documentais que permitam afirmar com precisão quando isto aconteceu, mas considerando o processo de ocupação do Pantanal pela pecuária e tendo em vista a precária situação dos Guató, depois da Guerra do Paraguai, é provável que o envolvimento dos nativos com a caça da onça pintada tenha ocorrido na transição do século XIX para o XX.

---

<sup>6</sup>A *Brazil Land and Cattle Packing Company* pertencia ao chamado "sindicato Farquhar", cuja empresa *holding* era a *Brazil Railway Company*. No antigo Mato Grosso, nas duas primeiras décadas do século XX, a *Brazil Land* adquiriu a charqueada Descalvados, no município de Cáceres; adquiriu a fazenda Capão Bonito, na região da Vacaria sul-mato-grossense (próximo de Campo Grande) e também adquiriu uma fazenda de gado na região de Três Lagoas. (SILVA, 1999)

<sup>7</sup> Existem interessantes pesquisas sobre a história dos Guató e sobre as suas interações com outros grupos étnicos em com o Estado nacional brasileiro. Para os interessados no assunto recomendamos a leitura de Eremites de Oliveira (2023a; 2023b) e Leite e Eremites de Oliveira (2012).

Sasha Siemel afirma ter caçado a sua primeira onça pintada em 1925 e usou nesta caçada conhecimentos aprendidos com um índio denominado em seu livro como Joaquim Guató. Segundo Siemel, foi com esse índio que ele aprendeu a matar onças usando um tipo de lança chamada zagaia.<sup>8</sup> No decorrer das décadas de 1930 e 1940, Siemel tornou-se um caçador renomado e prestou serviços para fazendeiros do Pantanal. Em seu livro, ele relata que:

Os fazendeiros me pagavam com mantimentos, ou com um cavalo ou uma mula, e eu tinha o privilégio de abater uma novilha ou um boi para alimentar a mim e aos meus cachorros. (SIEMEL, 1953, p. 240)

Mas Sasha Siemel tinha ambições maiores do que viver prestando serviços para fazendeiros do Pantanal. Usando de uma rede de contatos internacionais e dominando diferentes idiomas, ele tornou-se organizador e líder de expedições de caça e acumulou capital com esta prática. Parte da fama de Siemel foi construída a partir de narrativas sobre a sua capacidade de caçar onças usando somente a zagaia, outra parte, deve-se ao volume de animais que ele abatia. Existe ainda um terceiro fator que impulsionou a fama internacional de Siemel: a publicação de textos no exterior relatando as habilidades deste caçador, apresentado na Europa e na América do Norte como o único homem branco capaz de enfrentar a onça pintada sem usar armas de fogo.<sup>9</sup>

O homem conhecido como “tigrero” sabia manejar a zagaia, mas também caçava com rifles. E, provavelmente, a maior parte das centenas de onças que ele abateu, foram atingidas por armas de fogo, e não pela zagaia. Contudo, a imagem de um homem habilidoso e destemido, construída pelos autores que escreveram sobre o “Tigrero” e reforçada pelo seu próprio livro, assim como as fotografias que registravam os resultados do seu trabalho, exerceram forte impacto entre os adeptos da caça esportiva. De tal forma que Siemel recebia estrangeiros na sua propriedade em Miranda e os conduzia para expedições de caça no Pantanal, em seu próprio barco.

---

<sup>8</sup> Cunha descreveu este instrumento de caça da seguinte forma: “Zagaia é uma lança cujo ferro, forte e afiado, regula ter perto de trinta centímetros de comprimento sobre oito na maior largura, e cujo cabo, de madeira de lei, bastante grosso, regula dar à lança um comprimento total de cerca de dois metros” (CUNHA, 1949, p. 29).

<sup>9</sup> Um dos primeiros autores que escreveu sobre Sasha Siemel foi Julian Duguid, autor do livro *O Inferno Verde*, publicado originalmente em língua inglesa, em 1930. Nesta obra, Duguid relata uma expedição pelo norte da Bolívia, feita na companhia do caçador que ele denominou “Tiger Man” (DUGUID, 1949). A obra de Duguid foi traduzida para diversos idiomas e tornou-se um livro muito apreciado entre os adeptos da caça esportiva.

**Figura 1:** Fotografia de Sasha Siemel exibindo peles de onças pintadas que ele abateu



**Fonte:** DUGUID, 1945, s./p.

Fatos narrados por Sasha Siemel no livro *Tigrero* e outros registros de expedições que ele realizou como guia de caçadores estrangeiros ressaltam a existência de antigas ligações entre a caça da onça pintada no bioma Pantanal e o mercado internacional de peles silvestres. Por meio destas relações, peles de animais abatidos no Pantanal e na Amazônia foram transportadas pela bacia do Rio Paraguai e comercializadas nos grandes centros urbanos da América e da Europa. Neste sentido, não seria exagero dizer que ao lado da caça esportiva, existiu no Pantanal, nas primeiras décadas do século XX, uma caça capitalizada que transformava peles em dinheiro.<sup>10</sup>

No que diz respeito à caça esportiva da onça pintada, o livro de Cunha atribuiu significados diferentes para a experiência de abater o animal no alto de uma árvore e a experiência de enfrentá-lo no solo. Nos dois casos, o caçador enfrentava riscos, mas estes

---

<sup>10</sup> A caça esportiva da onça pintada, da qual estamos nos ocupando neste artigo, foi uma das motivações para a redução da espécie, mas não foi a única. A comercialização das peles também motivou a violências contra a onça pintada. Infelizmente, a dinâmica do mercado internacional de peles na transição do século XIX para o XX ainda não foi pesquisada com profundidade e faltam informações para compreender como as peles de animais silvestres americanos foram transformadas em símbolos de status social.

riscos aumentavam, quando a onça decidia ficar no solo e enfrentava a matilha de cães de caça. Cunha abateu onças que estavam no alto das árvores e onças que estavam no solo. Em carta redigida para a sua esposa, ele descreveu com entusiasmo a sensação de abater uma onça no solo e registrou o efeito psicológico dessa caçada:

depois de ter visto o que era uma caçada de onça acuada no chão, meu entusiasmo por este esporte redobrou, [...], assim sendo, tão depressa quanto me foi possível, um mês depois, partia à procura da reprodução de cenas tão empolgantes e arrebatadoras. (CUNHA, 1949, p. 106)

O desejo de reproduzir a experiência da caça à onça pintada e repetir as sensações geradas pela execução do felino motivaram a participação de Cunha em novas expedições. Não sabemos quantas onças este adepto da caça esportiva matou em sua vida, mas sabemos, com base em seu livro, que ele descreveu o pantanal mato grossense como “o paraíso dos caçadores”. Além de onças, o autor descreveu o seu envolvimento no abate de outros animais do bioma Pantanal, como ariranhas, cervos, tamanduás, jacarés, capivaras e patos, dentre outros.

**Figura 2:** Fotografia de Cunha ao lado de uma onça pintada abatida



Fonte: CUNHA, 1949, s./ p.

O entusiasmo do autor do livro com a prática da caça pode sugerir que o Comandante Cunha um homem insensível a dor e à morte de animais não humanos. No entanto, em outras partes do mesmo livro, Cunha registrou o desgaste que as caçadas provocavam para os cães e lamentou quando um dos membros de sua matilha, faleceu durante a caçada (CUNHA, 1949, p. 83). O sentimento de pesar de Cunha pela dor e a morte do cão, denominado Visconde e descrito como “valente” e “precioso companheiro”, contrastam com a sua frieza na execução de onças pintadas, e, da mesma forma, contrastam com sua satisfação ao ser fotografado ao lado das presas.

Fotografar o animal caçado e ser fotografado ao lado dele era um procedimento comum entre os adeptos da caça esportiva. Theodore Roosevelt, quando esteve caçando no Pantanal também foi fotografado ao lado de animais que ele abateu. E este mesmo Roosevelt, caçador de renome internacional, relatou com detalhes sua experiência de caça a uma onça pintada no Pantanal, quando esteve hospedado na fazenda “Las Palmeiras”, região do Rio Taquari.<sup>11</sup> O relato começa com o informe de rastros de onça feito por “um simples trabalhador do rancho, que entendia alguma coisa dessas caçadas”, prossegue com a saída do grupo de caçadores e termina com o momento da execução do animal. Reproduzimos abaixo fragmentos do texto de Roosevelt:

Os dois cães de caça deram logo o alarme. Foram desatrelados e galoparam seguindo a trilha, acompanhados de outros cães, em grande assuada. A matilha enveredou firme pelo Pantanal.

[...]

Os cães enveredaram por uma clareira com algumas árvores altas e, enquanto galopávamos através do pântano, avistamos o jaguar, bem no alto, entre galhos bifurcados de um tarumã. Era um belo quadro, o daquele grande e formidável gato – a pele marchetada, rosnando, a desafiar a matilha abaixo. [...] atirei imediatamente, de uns 60m de distância, usando a minha espingarda favorita, uma Springfield pequena, com a qual já havia abatido muitas espécies de caças africanas. As balas eram pontiagudas e de aço puro. Com o tiro, o jaguar caiu como um fardo pelos ramos abaixo e, embora vacilante das pernas, não pode dar senão poucos passos, e deixou-se esvaír. (ROOSEVELT, 2010, p. 94-95)

Da descrição feita por Roosevelt e parcialmente citada acima, destaco a aparente ambiguidade entre o “belo quadro” que se configurou quando o “grande e formidável gato” foi encurralado pela matilha de cães e abrigou-se no alto de uma árvore, e o desfecho da cena, quando o caçador mata o felino com sua espingarda Springfield. A ambiguidade é aparente porque o “belo quadro” era apenas uma imagem transitória entre o movimento inicial da caçada, o disparo certo do caçador e a morte da onça. Com o êxito do disparo e a fotografia do caçador ao lado da presa, completou-se o ato da caça esportiva e o quadro anterior foi substituído pela imagem que representava o triunfo do ser humano sobre o felino. Uma representação que hoje seria considerada deplorável por amplos segmentos da

---

<sup>11</sup> Segundo Rossevelt, a fazenda “Las Palmeiras” pertencia à família Barros.

sociedade e configuraria uma prova de crime ambiental.

No livro de Roosevelt, existem outros relatos de caça à onça pintada, além desse que reproduzimos anteriormente. E o mesmo livro descreve práticas de caça a outros animais silvestres no Pantanal e na Amazônia. O autor acreditava que, ao matar e enviar exemplares de animais selvagens de grande porte para o Museu de História Natural de Nova Iorque, estaria contribuindo para o desenvolvimento da Ciência, e, da mesma forma, acreditava que suas descrições sobre o comportamento destes animais em ambientes naturais eram contribuições para a História Natural e, particularmente, para a Zoologia.

Caçar para contribuir com o desenvolvimento da História Natural, sob certo aspecto, pode parecer um objetivo nobre. No entanto, não devemos perder de vista que Roosevelt foi um dos mais ilustres adeptos da caça esportiva e que os seus relatos de caça na África, na América do Norte, na Patagônia, no Pantanal e na Amazônia, ainda que permeados de uma racionalidade científica, formam um volumoso conjunto de “cuentos antropocênicos” – contos que nossa espécie produz e consome para justificar o seu comportamento diante dos outros seres vivos.

### **Entre ato: a Lei de Proteção à Fauna (1967) e o surgimento da racionalidade ambiental**

Ainda que as relações entre grupos humanos e animais não humanos sejam demasiadamente complexas para serem interpretadas somente pela norma jurídica, seria um grave equívoco escrever sobre a história das relações entre humanos e onças no Pantanal sem considerar o impacto da chamada Lei de Proteção à Fauna (Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967). Antes da promulgação da lei, a caça a animais silvestres estava permitida e, como foi demonstrado anteriormente, caçadores de diferentes nacionalidades viajavam para o Pantanal na intenção de caçar o maior felino da América. A partir da criminalização da caça de animais silvestres e da proibição da caça profissional, criou-se um impedimento jurídico para a caça no Pantanal, e, indiretamente, a onça pintada foi beneficiada.

Infelizmente, mesmo depois da promulgação da Lei de Proteção à Fauna, muitas onças foram mortas por humanos no Pantanal e notícias divulgadas na imprensa e nas redes sociais comprovam que ainda existem caçadores de onça em atividade.<sup>12</sup> Contudo, ao considerar os animais que “vivem naturalmente fora do cativeiro” como propriedade do Estado e ao proibir “sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha” (Art. 1º), a respectiva lei reconheceu o compromisso do poder público com a preservação da fauna silvestre. Deste modo, criou-se uma conjuntura mais favorável para a atuação do poder público no enfrentamento da caça aos animais silvestres e surgiram órgãos estaduais voltados

---

<sup>12</sup> Como exemplo deste tipo lamentável de notícia, citamos a postagem feita pelo site Conexão Planeta, no dia 09 de novembro de 2020, a respeito de uma onça abatida por caçadores no município de Poconé (cidade inserida no bioma Pantanal). A bala localizada no crânio do animal comprovou que ele havia sido executado por caçadores. O crime estava sob investigação e três suspeitos foram encaminhados para a Delegacia Regional de Poconé. O caso pode ser conferido no site <https://conexaoplaneta.com.br/blog/cacadores-matam-onca-pintada-no-pantanal-e-penduram-cabeca-em-arvore/>

especificamente para a proteção da fauna silvestre. No caso de Mato Grosso do Sul, os principais órgãos foram o Instituto da Preservação e Controle Ambiental (MS), criado em 1980 e extinto em 1987; a Polícia Militar Ambiental de Mato Grosso do Sul (instituída pela Lei Estadual n.º 702 de 12 de fevereiro de 1987) e o Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL), criado em 2007<sup>13</sup> e reformulado em 2009.<sup>14</sup> Ao lado desses órgãos, outros similares, vinculados ao Estado de Mato Grosso e instituições federais como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), ambos vinculados ao Ministério do Meio Ambiente, também participam de iniciativas para preservação do bioma Pantanal.

Não é possível dimensionar com precisão qual o impacto deste conjunto de órgãos estaduais e federais na contenção da caça à onça pintada. Todavia, existem fortes sinais de mudança nas relações entre a sociedade pantaneira e a onça pintada. Acreditamos que o processo de mudança tenha sido motivado por três fatores distintos, porém interligados: o primeiro se manifesta na legislação ambiental e nas iniciativas dos órgãos de fiscalização para identificar e punir os infratores; o segundo seria a configuração de uma “racionalidade ambiental” – conceito tomado do sociólogo Enrique Leff; e o terceiro fator diz respeito ao impacto provocado pelo turismo na sociedade pantaneira e no espaço geográfico do Pantanal. Na concepção de Leff (1993 e 2006), a configuração de uma racionalidade ambiental ganhou forma a partir da percepção da crise ambiental e da crescente preocupação com as consequências negativas das ações antrópicas. Cronologicamente, a racionalidade ambiental é um produto da segunda metade do século XX que apresenta duas dimensões: de um lado, ela contempla as discussões científicas sobre os efeitos colaterais da exploração predatória dos recursos naturais e trata do uso de tecnologias mais ecológicas; e do outro, abrange formas diferenciadas de percepção e apropriação social da natureza e busca dialogar com saberes populares, valores culturais e elementos da cosmologia dos povos indígenas. Na interação destas duas dimensões reside o potencial transformador da racionalidade ambiental. Segundo Leff:

Una racionalidad ambiental nos es la expresión de una lógica, sino el efecto de un conjunto de prácticas sociales y culturales diversas y heterogéneas, que dan sentido y organizan a los procesos sociales a través de ciertas reglas, medios y fines socialmente construidos, y que desbordan as las leyes derivadas de la estructura de un modo de producción.

Esta racionalidad funciona estableciendo criterios para la tomada de decisiones de los agentes sociales; orientando las políticas públicas, normando los procesos de producción y consumo, y legitimando las acciones y comportamientos de diferentes actores y grupos sociales para alcanzar los fines del desarrollo sustentable (LEFF, 1993, p. 104- 105).

<sup>13</sup> Decretos Estaduais 12.230 e 12.231, ambos datados de 03 de janeiro de 2007.

<sup>14</sup> [Decreto Estadual N. 12.725 de 10 de março de 2009.](#)

No bioma Pantanal, a “racionalidade ambiental” nos remete ao surgimento de um novo modelo de relações estabelecidas entre a sociedade pantaneira e o ambiente local. A possibilidade de interpretação deste novo modelo precisa levar em conta o fato de que humanos e onças não são os únicos animais que ocupam o bioma Pantanal. A afirmação parece demasiadamente óbvia, mas é oportuna para lembrarmos que uma grande variedade de animais não humanos participa da paisagem e da dinâmica ecológica pantaneira.

Dentre os diversos animais que coabitam o Pantanal com o ser humano, o gado é culturalmente e economicamente o mais importante. Os rebanhos bovinos dispersos nas fazendas do Pantanal, ainda que submetidos ao manejo humano e incorporados ao sistema moderno de produção de alimentos, exercem importante papel na construção de uma cultura pantaneira.

A relevância cultural do gado para a sociedade pantaneira foi abordada por autores como Banducci (1995), Campos Filho (2002) e Leite (2013) e não será analisada neste texto. Entretanto, consideramos ser pertinente, dentro da reflexão histórica que estamos desenvolvendo, registrar que o mesmo gado criado nos campos do Pantanal é fonte de alimento para humanos e onças, e, conseqüentemente, as relações entre humanos e onças, não pode ser compreendido sem a presença do gado. Segundo Azevedo e Murray (2007) e Morato (2006), a eliminação das onças, feita em nome da proteção dos rebanhos bovinos, é a principal ameaça para esta espécie felina no bioma Pantanal.

A pesquisa etnográfica realizada por Banducci com vaqueiros do Pantanal da Nhecolândia reconhece a preocupação com a proteção dos rebanhos bovinos como um dos motivos para a caça de onça. Contudo, o autor aponta a existência de um imaginário social que influencia nesta prática. Segundo este autor, os vaqueiros interpretam o comportamento dos animais a partir de categorias opostas como “bravo” e “manso”, “doméstico” e “selvagem”. Dentro deste modelo interpretativo, a onça pintada representa, no Pantanal, “criatura que melhor realiza essa representação ‘pura’, ‘extrema’, de selvageria”. E entre os vaqueiros, capturar uma onça é uma forma de provar a coragem perante os seus pares (BANDUCCI, 2007, p. 125).

A pesquisa etnográfica de Banducci foi realizada no final da década de 1990, cerca de 25 anos depois da proibição da caça de animais silvestres. Isto nos permite inferir que a existência de uma lei, por si só, não anula a força de um imaginário social que possui uma longa temporalidade.

Conforme demonstramos na sessão anterior do texto, nas primeiras décadas do século XX, a caça à onça pintada foi prática recorrente no Pantanal e atendia ao interesse dos fazendeiros que gradualmente expandiram os rebanhos bovinos. Perseguida por adeptos da caça esportiva, procedentes de fora do Pantanal ou por nativos contratados pelos fazendeiros, a onça pintada se tornou um animal em perigo de extinção. Na etapa mais recente das relações entre humanos e onças, surgiram experiências voltadas para a pesquisa do felino em seu habitat natural e cresceu a preocupação com a conservação da espécie (FRANCO; SILVA, 2020).

No Pantanal, os estudos científicos sobre a onça pintada em seu habitat natural foram iniciados pelo zoólogo norte-americano George Schaller, na Fazenda Acurizal, em 1977 (SÜSSEKIND, 2019). Schaller instalou-se no Pantanal com o intuito de usar a radiotelemetria<sup>15</sup> no estudo do comportamento da onça, também conhecida como jaguar, e cujo nome científico é *Panthera onca*.

Em 1980, o projeto de pesquisa implantado por Schaller foi assumido pelos biólogos Quigley e Crawshaw. Tratava-se de um projeto com financiamento da *World Wide Fund for Nature* (WWF) e resultou em textos que incluíam a ideia de “conservação economicamente incentivada”, ou seja, a oferta de uma compensação econômica para incentivar o envolvimento da sociedade local na conservação das onças (CRAWSHAW JR.; QUIGLEY, 1984; FRANCO *et al.*, 2018).

Os trabalhos realizados por Schaller, Quigley e Crawshaw com onças no Pantanal possuem importância para o campo da Ecologia, não somente por serem trabalhos pioneiros no uso da radiotelemetria com a espécie *Panthera onca*, mas também, porque registra, textualmente, uma etapa no processo de mudança na relação da sociedade pantaneira com as onças. Conforme Schaller e Crawshaw registraram, em texto publicado em 1980, apesar da existência da proibição de caça às onças, a prática persistia e era recorrente no interior do Pantanal (SCHALLER; CRAWSHAW 1980; SCHALLER, 2007). Com base nestes textos, sabemos que alguns proprietários de fazendas e peões consideravam a caça da onça uma prática necessária para segurança da população local e para proteção dos rebanhos bovinos.

Na década de 1980, quando as atividades turísticas estavam sendo incrementadas no Pantanal e a região tornou-se atrativa para apreciadores do chamado ecoturismo,<sup>16</sup> surgiram novas experiências deste tipo. O impacto do turismo na sociedade e no ambiente pantaneiro foi investigado por Ribeiro (2015). A pesquisa desta geógrafa buscou identificar, a partir dos relatos da “gente pantaneira”,<sup>17</sup> as percepções das mudanças provocadas pelas atividades turísticas no Pantanal. Os relatos coletados por Ribeiro contemplam diversos aspectos da vida social impactados pelo turismo, como (i) o crescimento do alcoolismo; (ii) a atração exercida pela cidade sobre os jovens; (iii) as dificuldades para o acesso à educação escolar nas zonas rurais; (iv) o abandono do uso de ervas medicinais; (v) a precarização das condições de vida dos peões; (vi) os sinais de redução no volume da pesca; (vii) os excessos no manejo das queimadas; e (viii) a espetacularização da natureza. Sem desconsiderar a importância de cada um destes temas, e tendo em vista o foco do nosso estudo – as relações entre humanos e onça pintada no Pantanal – concentraremos nossa atenção no último dos

---

<sup>15</sup>A radiotelemetria é um método característico da moderna biologia da conservação, baseado na captura de animais e no uso de transmissores de rádio acoplados a coleiras (SÜSSEKIND, 2019, p. 847).

<sup>16</sup> Existem imprecisões em torno do conceito de ecoturismo e dúvidas a respeito de como ele deve ser conduzido. Mas apesar das imprecisões conceituais, a definição adotada pela *Eco-tourism Society* ganhou projeção. A associação define o Ecoturismo como “as viagens responsáveis a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local” (RUSCHMANN, 2000, p. 84)

<sup>17</sup> Ciente de que as percepções sobre um determinado fenômeno social mudam a partir da condição socioeconômica do observador, Ribeiro classificou a “gente pantaneira” nas seguintes categorias: proprietários de terras; peões, proprietários de empreendimentos turísticos e trabalhadores do turismo.

tópicos supramencionados.

O que Ribeiro chama de “natureza espetacularizada” se configura como um processo de valorização estética e comercial da paisagem pantaneira e de alguns animais não humanos que habitam o Pantanal. Trata-se de um processo que ainda está em curso e que tem sido impulsionado pelo interesse dos turistas na paisagem do Pantanal e na diversidade da sua fauna e flora. No transcurso deste processo, a “gente pantaneira” desenvolveu novas formas de percepção do seu ambiente e adotou hábitos que se enquadram nas expectativas dos turistas. Um destes hábitos é a conservação da onça pintada – animal transformado em símbolo turístico do Pantanal. Os relatos coletados por Ribeiro permitem inferir que os entrevistados abdicaram da caça à onça pintada por entenderem que o animal vivo era um atrativo para os turistas e uma possibilidade de ganho econômico.

Antes eu caçava mesmo, [...] a gente caçava *pros fazendeiro*, eu era contratado, a gente trabalhava em fazenda. No campo a gente via a onça e a gente fazia aquilo. Sabe, era uma coisa que eu gostava de *fazê*, era meu *trabaio*. [sic] (RIBEIRO, 2015, p. 107)

[...]

Vamos usar o bicho como turismo *prá tirá* foto dele é mais vantajoso, mais rendoso. Você vai ganhar dinheiro tirando foto daquele bicho. *Dai ã* compra o alimento. *Prá quê matá* ele? Eu penso assim, não sei se tô certo, eu penso assim. [sic] (RIBEIRO, 2015, p. 107)

Os dois relatos destacados acima evidenciam a relação entre o turismo e ocorrência de mudança no tratamento da “gente pantaneira” para com os animais silvestres da região. Eles também indicam que a mudança foi recente, pois os dois entrevistados praticaram a caça da onça pintada em determinado momento das suas vidas.

A gradual percepção de que a conservação das onças pintadas resultava em benefícios econômicos, por meio do ecoturismo, cresceu nas duas décadas finais do século passado. Esta percepção possibilitou o surgimento de novas pesquisas sobre o comportamento das onças em seu habitat natural. Na Fazenda Miranda, nos primeiros anos de 1980, uma equipe de biólogos recebeu autorização para capturar onças, instalar coleiras de rádio e monitorar o comportamento dos animais. Na década de 1990, outras fazendas aceitaram colaborar com os biólogos no estudo da onça pintada em seu habitat natural.

Durante suas pesquisas de campo, realizadas em períodos de 2006, 2007 e 2008, o antropólogo Felipe Sússekind realizou observações sobre o manejo da onça pintada feita por biólogos em 03 fazendas. São elas: Fazenda Miranda; Fazenda Santa Luzia e Fazenda São Domingos.<sup>18</sup> O foco da pesquisa incidiu nas relações estabelecidas entre humanos e onças pintadas em fazendas do Pantanal que participam de projetos de conservação.

<sup>18</sup> A pesquisa de Sússekind envolveu moradores de 11 fazendas do Pantanal, destas, três desenvolviam atividades de ecoturismo (SÚSSEKIND, 2014, p. 143)

Süssekind estudou o trabalho de biólogos, “vaqueiros”<sup>19</sup> e fazendeiros envolvidos no manejo e conservação do felino e realizou entrevistas com estes atores sociais. Nas suas observações de campo, o antropólogo constatou que a produção do conhecimento científico sobre a onça pintada, feita por meio da rádio-telemetria, demanda saberes e práticas que pertencem aos moradores do Pantanal, e, particularmente, aos “vaqueiros”. Sem a colaboração dos “vaqueiros”, e sem a permissão dos fazendeiros para o trânsito dos biólogos em suas propriedades, as pesquisas de rádio-telemetria seriam inviáveis.<sup>20</sup>

**Figura 3:** Fotografia de uma onça pintada no Pantanal usando um rádio-colar



**Fonte:** Conexão Planeta. Foto de João Paulo Falcão<sup>21</sup>

<sup>19</sup> No contexto da obra de Süssekind, a palavra “vaqueiros” equivale a palavra “peões”, ambas remetem aos homens que trabalham com o manejo do gado nas fazendas do Pantanal.

<sup>20</sup> Cabe a ressalva de que as fazendas que colaboram com pesquisas e projetos voltados para a preservação da onça pintada são exceções no bioma Pantanal. Via de regra, a presença de uma onça numa fazenda pantaneira é percebida como uma ameaça ao rebanho bovino que é parte do capital do proprietário.

<sup>21</sup> Fotografia extraída do site <https://conexaoplaneta.com.br/blog/quase-um-mes-apos-voltar-ao-pantanal-ousado-a-onca-pintada-que-teve-patas-queimadas-pelos-incendios-e-flagrado-cacando/>

Durante o período em que esteve no Pantanal coletando dados para sua tese de doutorado, Sússekind registrou a opinião de “vaqueiros”, fazendeiros e biólogos sobre a presença de onças pintadas e humanos no mesmo ambiente. O pesquisador descreveu atividades de rastreamento, captura e manejo das onças que observou presencialmente. No ato da captura, as onças são “perseguidas e anestesiadas” e se tornam “unidades produtoras de dados para pesquisa científica”. A perseguição e a captura são feitas com o auxílio de “cães de caça” e demandam conhecimentos nativos sobre o comportamento das onças. Acertadamente, o autor afirma que as pesquisas baseadas na rádio-telemetria, feitas com a finalidade maior de contribuir para preservação da onça pintada, produziram uma ressignificação de práticas usadas pelos antigos caçadores deste mesmo animal (SÚSSEKIND, 2014, p. 20).

A existência de fazendas cooperando com os biólogos no estudo da onça pintada não significa que a população local tenha mudado por completo sua percepção sobre este animal. Esta observação é importante para evitar o erro de confundir a decisão do proprietário de uma fazenda pela conservação das onças com a opinião dos moradores da região. Os questionários aplicados por Sússekind, indicam que a onça pintada é percebida como um animal ameaçador pela maior parte da sociedade pantaneira e, ao mesmo tempo, é considerada o animal que mais provoca prejuízos econômicos (SÚSSEKIND, 2014). Deste questionário, selecionei três perguntas que considero relevantes para a reflexão em curso. São eles: (a) “Qual é o animal ou bicho que melhor representa o Pantanal?” (b) “As onças estão ameaçadas na região?” (c) “Qual a importância da onça para o Pantanal?” Apresento abaixo as respostas coletadas por Sússekind, com a ressalva de que o pesquisador não estabeleceu distinções entre fazendeiros e “vaqueiros” durante a aplicação dos questionários.

- (a) Os três mais citados foram: a onça, em 52% das entrevistas, o tuiuí, em 13%, e o cervo, em 6%.
- (b) Num total de 41 respostas, 23 entrevistados (56%) consideram que a onça *não* está ameaçada na região, enquanto 18 (46%) afirmam o contrário.
- (c) A importância da onça foi ligada ao turismo em oito entrevistas, [...]. Outros oito entrevistados mencionaram a “beleza” do animal.
- (d) O equilíbrio na cadeia alimentar foi citado em seis ocasiões. Em cinco, a onça foi considerada um “símbolo” para a região, e o mesmo número de entrevistados (cinco) citou a herança para os filhos ou para as futuras gerações, como motivo para preservação da espécie.
- (e) Em três entrevistas, a resposta foi “nenhuma” [importância], e em duas ocasiões os entrevistados consideraram a onça propriamente nociva, dizendo que “era melhor se ela [a onça] não existisse” e que se pudesse “matava tudo” (SÚSSEKIND, 2014, p. 146-147)

As respostas, acima destacadas, evidenciam que entre os membros da sociedade pantaneira entrevistados pelo antropólogo, existem percepções distintas a respeito do que a onça pintada representa e de como deve ser tratada. Na resposta da questão (c), as diferenças

ficam mais acentuadas: enquanto alguns entrevistados expressaram maior sensibilidade ambiental associando a importância da onça pintada ao “equilíbrio na cadeia alimentar” ou a “herança” para as futuras gerações, outros responderam que o animal não tinha “nenhuma importância”. Obviamente, estas respostas não podem ser generalizadas para o todo da sociedade pantaneira. Contudo, elas são uma amostra expressiva, sobretudo porque os entrevistados residem em fazendas e pertencem a famílias que possuem um histórico de interações com a onça pintada, com o gado e com as enchentes do Pantanal. Para estes membros da sociedade pantaneira, a onça é bem mais do que uma imagem estática usada na publicidade turística – ela é um predador que convive no mesmo ambiente e que é capaz de provocar situações de risco para os humanos. Sob este foco, seria incoerente esperar que os “vaqueiros”, fazendeiros e ribeirinhos do Pantanal tenham a mesma percepção sobre a onça pintada que um sujeito urbano que nunca esteve próximo do felino.

Nosso conhecimento sobre a onça pintada, e sobre todos os animais não humanos, é polissêmico, imperfeito, permeado de variáveis culturais, e geralmente, é utilitarista (MACIEL, 2016). A possibilidade de ampliação deste conhecimento e de correção dos erros que ele atualmente comporta, implicam na articulação entre o desenvolvimento de pesquisas científicas que respeitem todas as formas de vida, a valorização dos saberes tradicionais sobre a natureza, a produção de novas sensibilidades e a mudança no padrão jurídico das relações entre o ser humano e os demais elementos da natureza.<sup>22</sup>

### Considerações finais

Iniciamos o texto com uma epígrafe que destaca a crítica de Shaviro ao comportamento humano diante dos demais elementos da natureza e usei o conceito de “cuentos antropocêntricos” para interpretar os livros que tratam da caça à onça pintada no Pantanal. Ciente de que o conceito extrapola o tema que abordei neste estudo, acredito ser pertinente ressaltar que os “cuentos antropocêntricos” apresentam variações regionais, possuem múltiplas funções sociais e comportam diferentes temporalidades. Neste sentido, convém evitar generalizações porque culturas distintas produzem representações distintas para o mundo natural e as representações podem ser (re)significadas e (re)elaboradas no transcurso do processo histórico.

Na breve história das relações entre os grupos humanos e a onça pintada no bioma Pantanal que compartilhamos com os leitores, destaquei a existência de livros que registraram experiências de caçadores e que fomentaram a prática da caça esportiva na região. As diferenças no perfil dos caçadores destacados nos livros (o Comandante militar Cunha, o estadista norte-americano Roosevelt e o imigrante lituano Siemel) não mudam o fato de que eles consideravam a onça pintada como um “troféu” de caça e que reproduziam em seus

---

<sup>22</sup> Para uma introdução a discussão sobre o padrão jurídico das relações entre o ser humano e os demais elementos da natureza, recomendo a obra do historiador Michel Serres, intitulada *O Contrato Natural* (SERRES, 1991).

textos a imagem do triunfo do caçador sobre o animal abatido.

No nosso entendimento, estes “cuentos antropocéntricos” podem ser lidos como uma advertência para a nossa geração – uma geração que, teoricamente, deveria apresentar maior sensibilidade para com o sofrimento dos animais não humanos.

Entre a data da publicação do último livro que abordamos (1953) e o surgimento de uma racionalidade ambiental que se manifesta em novos hábitos da sociedade pantaneira diante da onça pintada, importantes fatos ocorreram. A promulgação da Lei de Proteção à Fauna, em 1967, e a atuação dos órgãos de proteção ambiental coibiram a caça esportiva da onça pintada, mas não impediram que exemplares da espécie fossem executados no interior das imensas fazendas existentes no Pantanal. Por outro lado, nas últimas décadas, algumas das fazendas pantaneiras aderiram ao esforço de cientistas e ambientalistas em prol da preservação da onça pintada. Esta adesão, ainda que restrita a um pequeno segmento de proprietários de fazendas e estimulada por contrapartidas financeiras de ONGs ou do poder público, é de grande importância para o desenvolvimento de pesquisas e ações de proteção à onça pintada.

Nos últimos decênios do século passado, a inserção do turismo ecológico no Pantanal, influenciou na percepção da sociedade pantaneira a respeito do seu ambiente e contribuiu para o gradual abandono da prática de caça à onça pintada – prática que sabemos, sempre esteve relacionada com a pecuária e com o manejo dos rebanhos bovinos pantaneiros. Neste aspecto, é interessante observar a mudança no perfil dos turistas atraídos para o Pantanal no transcurso do século XX: inicialmente, o ambiente descrito por Cunha como o “paraíso dos caçadores” atraiu turistas de diferentes nacionalidades interessados na caça esportiva; e posteriormente, já nas décadas finais do século passado, a natureza do Pantanal passou a ser um atrativo para os adeptos do ecoturismo. Contudo, seria ingenuidade pensar que a vinda de um grande volume de turistas apreciadores de alguns elementos da natureza – dentre os quais se incluem os turistas praticantes da pesca esportiva – não provoca impactos negativos na fauna e na flora. Os impactos negativos existem e se configuram como um novo desafio para o Pantanal.

Diante do que foi exposto, e sem a pretensão de abordar no espaço deste texto toda a complexidade do tema, importa reconhecer que o processo de mudança nas relações entre os humanos e a onça pintada no bioma Pantanal se encontra em curso. A continuidade deste processo, cuja essência envolve o respeito do ser humano pelos demais animais da natureza, é essencial para a preservação da onça pintada e para o equilíbrio ambiental no Pantanal – um equilíbrio fragilizado pelos incêndios que atingiram a região, no decorrer do ano de 2020.

## Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Fernando Cesar Cascelli; MURRAY, Dennis L. Evaluation of potencial factors predisposing livestock to predation by jaguar. **The jornal of wildlife management**, Vol. 71, n. 7, 2007, p. 2.379-2.386.
- BANDUCCI JR., Álvaro. **A natureza do pantaneiro**. Relações sociais e representações de mundo entre vaqueiros do Pantanal. Dissertação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
- CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. **Tradição e ruptura**. Cultura e Ambiente Pantaneiros. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- CRAWSHAW JR, Peter G.; QUIGLEY, Howard B. **A ecologia do jaguar ou onça-pintada no Pantanal Mato-grossense**. Estudos bioecológicos do Pantanal Matogrossense: relatório final: parte I. Brasília, DF: IBDF, 1984.
- CUNHA, H. Pereira da. **Viagens e caçadas em Mato Grosso**. Pelo Com. H. Pereira da Cunha. Três semanas na companhia de Th. Roosevelt. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1949.
- DUGUID, Julian. **O Inferno Verde**. Nas florestas virgens da Bolívia. Trad. Eduardo Pinheiro. 2ª ed. Porto: Livraria Martins Porto, 1945.
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Da invisibilidade a visibilidade da história do povo Guató no Pantanal. **Tellus**, Campo Grande, 51, p. 161-225, 2023a. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/880>
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Legitimidade e representatividade para falar pela comunidade da Terra Indígena Baía dos Guató, Pantanal de Mato Grosso. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, 17, p. 258-292, 2023b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/issue/view/5017>
- FERNANDES-FERREIRA, Hugo. **A caça no Brasil**. Panorama histórico e atual. Volumes 1 e 2. Tese de Doutorado em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8221?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8221?locale=pt_BR) Acesso em: 05 abr. 2024.
- FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto; NORA, Fernanda Pereira de Mesquita. History of science and conservation of the jaguar (*Panthera onca*) in Brazil. **HALAC – Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña**, Vol. 8, n. 2, p. 42-72, 2018. Disponível em: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/338> Acesso em: 21 fev. 2024.
- FRANCO; José Luiz de Andrade; SILVA, Lucas Gonçalves da. História, ciência e conservação da onça-pintada nos biomas brasileiros. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. 1 -18, 2020. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/33911/19612> Acesso em: 04 fev. 2023.

LEITE, Eudes Fernando. **Marchas na História**. Comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal. Brasília/Campo Grande: Ministério da Integração Nacional/Editora UFMS, 2013.

LEITE, Eudes Fernando; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. "Faço parte da história desse jeito!": componentes da memória e da identidade de uma indígena guató. **Tellus**, ano 12, n. 23, p. 127-146, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/261>

LEFF, Enrique. Sociologia y ambiente: sobre el concepto de racionalidad ambiental y las transformaciones del conocimiento. In: VIEIRA, Paulo Freire; MAIMON, Dália (Orgs.). **As Ciências Sociais e a questão ambiental: rumo a transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: APED e UFPa, 1993, p. 95-131.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a apropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MORATO, Ronaldo Gonçalves (Org.). **Manejo e conservação de carnívoros neotropicais**. São Paulo: Edições IBAMA, 2006.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Os Argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense**. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; MILHEIRA, Rafael Guedes. Etnoarqueologia de dois aterros Guató no Pantanal: dinâmica construtiva e história de lugares persistentes. **MANA**, 26(3): 1-39, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/bFQnz4rnKqw3r4mtCwJ9r4K/abstract/?lang=pt>  
Acesso em: 21 fev. 2024.

PEIXOTO, José Luis dos Santos. Arqueologia na Região das Grandes Lagoas do Pantanal. **Albuquerque: revista de História**, v. 1, n. 2, p. 193-206, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/3930> Acesso em: 27 abr. 2023.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**. Relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru – SP: EDUSC, 1999.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre cheias e vazantes: a produção de geografias no Pantanal**. Campo Grande: Editora UFMS, 2015.

ROOSEVELT, Theodore. **Nas Selvas do Brasil**. Trad. Luís Guimarães Júnior. Brasília -

DF: Senado Federal, 2010.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. A experiência do Turismo Ecológico no Brasil: um novo nicho de mercado ou um esforço para atingir a sustentabilidade. **Turismo - Visão e Ação**, Vol. 2, n.5, 2000, p.81-90.

SCHALLER, G. B.; CRAWSHAW, P.G. Movement patterns of jaguar. **Biotropica**, 12, p. 161-168, 1980.

SCHALLER, George B. **A naturalista and other beast**: tales from a life in the field. San Francisco: Sierra Club Books, 2007.

SERRES, Michel. **O contrato Natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SIEMEL, Sasha. **Tigreiro**. New York: Prentice-Hall, 1953.

SILVA, Luciana. **A atuação da companhia "Brasil Land, Cattle and packing CO" no leste sul mato-grossense**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

THOMPSON, E. P. **Senhores e Caçadores**. A Origem Da Lei Negra. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.